



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13247 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

**EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA ENTRE MORANGOS, RESÍDUOS E VIAGENS:
APRENDIZAGENS EM UMA ESCOLA PÚBLICA**

Silvia Beatrix Tkotz - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

**EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA ENTRE MORANGOS, RESÍDUOS E VIAGENS:
APRENDIZAGENS EM UMA ESCOLA PÚBLICA**

Resumo: O artigo captura práticas educativas e acontecimentos desenvolvidas em uma escola pública na Baixada Fluminense/RJ. Narra o que é pensado/praticado (OLIVEIRA, 2012) em experiências coletivas de invenção e reconfiguração de práticas educativas, como pesquisa com os cotidianos (ALVES, 2019; SÜSSEKIND, 2012), acompanhando as conversas complicadas (PINAR apud SÜSSEKIND, 2017). Apresenta a tessitura e o desenvolvimento de um projeto contemplado e financiado pela FAPERJ, que contribui para viabilizar as ações narradas como criação curricular inédita e única, a partir de Süssekind (2017), tais como assembleias de estudantes, resolução de conflitos, retirada do sinal e das filas, residuário, compostagem de resíduos orgânicos, cuidados com o meio ambiente, oficinas culinárias e experimentação, aulas de inglês, teatro e música. O enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado se dá em ações educativas, tecidas em narrativas sobre educação, democracia e interseccionalidade, que foram trazidas no sentido de democratizar criações curriculares inventadas por professoras, estudantes e suas famílias, amplificando oportunidades em criar currículo, formação e pesquisa com o cotidiano escolar.

Palavras-chave: Criação curricular, cotidianos, formação docente, projeto político pedagógico

O artigo captura práticas educativas e acontecimentos tecidos no dia a dia por meio da articulação entre linguagens múltiplas, desenvolvidas em uma escola municipal de educação infantil e ensino fundamental na Baixada Fluminense/RJ.. Ao narrar as experiências coletivas de invenção da reconfiguração de práticas escolares, desenvolve-a como pesquisa com os cotidianos (ALVES, 2019; SÜSSEKIND, 2012), acompanhando as conversas complicadas (PINAR apud SÜSSEKIND, 2017). Traz o que é pensado/praticado (OLIVEIRA, 2012) na escola e relata como foi a tessitura e o desenvolvimento de um projeto contemplado e financiado pela FAPERJ, que contribuiu para viabilizar as ações narradas como criação curricular inédita e única, a partir de Sússekind (2017).

As ações educativas desenvolvidas na referida escola buscam contribuir para os processos de aprendizagens e mitigar os impactos devastadores da pandemia ^[1] na educação, reduzindo as disparidades e diferenças educacionais visibilizadas e agravadas pelo fechamento das escolas. Para tal, as professoras buscaram aprimorar práticas educativas tecidas em experiências coletivas de invenção e reconfiguração das práticas escolares por meio da articulação entre múltiplas linguagens que vinham sido criadas desde 2015 e que, ainda, resgatavam propostas já desenvolvidas anteriormente. O fazer pedagógico possibilitou perceber os tempos de aprendizagens e respeitar estudantes em suas potencialidades e fragilidades individuais e coletivas. As professoras passaram a agrupar estudantes de maneira diferenciada, organizando grupos com demandas mais próximas para intervenção pedagógica e foram incluídos dispositivos como assembleias de estudantes, resolução de conflitos, retirada do sinal e das filas, dentre outras práticas educativas que, ano a ano, foram sendo transcritas para o projeto político pedagógico (PPP) dessa escola como criações curriculares, em um exercício de formação docente permanente.

Considerando essas práticas como instituintes e objetivando retomar diversas experiências diferenciadas que vinham sendo criadas anteriormente à pandemia, ao voltar às atividades presenciais em 2021, a escola reelaborou propostas pedagógicas a partir de uma composição de várias linguagens – linguagem verbal e não verbal, linguagem ambiental e linguagem matemática – em uma proposta de democratização do conhecimento. Acreditando que “o processo em si é o caminho, é o objetivo” (LERNER, 2019, p. 50), a escola inventou também o residuário, a compostagem de resíduos orgânicos, cuidados para uma alimentação saudável com oficinas culinárias e experimentação, aulas de inglês, teatro e música, resolução de conflitos, dentre outros fazeres pedagógicos. Engajada na luta pela educação pública, uniu-se a uma universidade pública que abraçou a construção coletiva dos projetos que foram inventados para 2022 e 2023. Essa proposta foi apresentada e contemplada por um edital da FAPERJ.

Os modos de fazer pesquisa e acompanhar essas práticas foram desenvolvidos a partir das metodologias de conversas e de pesquisa com os cotidianos que se desenvolveram na pesquisa de doutoramento, junto a questões éticas que foram enfrentadas ao narrar sobre as

criações curriculares com cotidianos dessa escola pública da periferia na Baixada Fluminense/RJ.. Relatos sobre a diversidade de modos de resolver as questões locais são experiências compreendidas como criação curricular a partir de Sússekind (2017), currículos pensados/praticados a partir de Oliveira (2012) e segredo público a partir de Daniel (2007). Educação, democracia e interseccionalidade são narrativas sobre enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado, fazendo-se prática de pesquisa, formação e escrita curricular. Com Butler (2015), a escola luta pelo “direito de aparecer”, diante de políticas públicas de controle de currículos como a BNCC, por exemplo, e segue escrevendo (CONCEIÇÃO, 2017) seu PPP com experiências coletivizadas de estudantes e professoras.

Inserida em uma pequena comunidade às margens de uma rodovia, essa escola é também pequena e tem estrutura precária. No seu entorno não há posto médico, nem farmácia e a comunidade não conta com transporte público. A escola torna-se, assim, território de cidadania na comunidade, onde – para além das aulas – se dão encontros, festividades e, para alguns, as refeições do dia. Nesse cenário de vulnerabilidade social, a escola vem intensificando os movimentos de luta por uma educação em que as diferenças não sejam sinônimo de desigualdade, mas um convite para relações baseadas na criticidade, na justiça e na liberdade. Na tensão entre o que é prescrito e o que é pensado/praticado – considerando o que é desenvolvido no cotidiano da escola “sempre provisório e, por isso, recriado cotidianamente, de diálogos e enredamentos entre conhecimentos formais [...] e outros conhecimentos aprendidos pelos praticantes/pensantes por meio de outros processos” (OLIVEIRA, 2012, p. 8) – as professoras incluíram os modos de fazer educação ambiental nas ações educativas, na construção de saberes, identidades e pertencimentos com os cotidianos.

Esses modos de fazer educação ambiental – já preconizados no Brasil pela Constituição Federal (BRASIL, 1999) e na Lei 9795/1999 – não foram implantados pela força da lei, mas foram as atitudes e a paixão de uma das professoras pela temática, já muito antes da pandemia, que se disseminou, encontrando ecos. Suas propostas, além de conversas sobre problemas de uso dos recursos naturais e equilíbrio dos ecossistemas, tratavam de como nos descuidamos de nós mesmos e daqueles que amamos, nos hábitos diários. Muitas conversas com a educação ambiental, provocadas por essa professora, perpassam pela educação alimentar e os cuidados com o corpo, um ambiente particular e privado deveras negligenciado por muitas pessoas. No entanto, essa negligência consigo mesmo afeta a relação com os outros e com o meio ambiente.

Cuidados como “beber água” e atenção à “cor do xixi”, a redução do consumo de óleo na alimentação e o descarte dele, bem como a substituição de alimentos que consumimos que vêm embalados por produtos mais naturais, produzidos localmente, são alguns dos exemplos do que vêm sendo conversado na escola, provocações iniciadas pela professora citada. Ela conseguiu explicar em poucas palavras o que a escola viu acontecer: “O meu encantamento é que encanta”. E assim, a partir do encantamento dela, ações de educação ambiental foram sendo incluídas no PPP da escola, nas práticas pedagógicas e nas vidas de muitas pessoas que

nessa escola transitam e que se encantaram também. A mais recente invenção é o residuário, com a substituição progressiva das lixeiras por coletores de resíduos, que são organizados e não mais considerados lixo.

Com os recursos financeiros públicos da FAPERJ, a escola conseguiu desenvolver muitas de suas ações educativas com mais efetividade, pela viabilização de algumas ideias que demandam investimento. Uma atividade que marcou os dois anos de projeto foi a pintura do painel com o nome da escola, com a participação das crianças. “Para as culturas dos povos africanos, o nome é uma questão de vida ou de morte” (FERNANDES; CAPUTO, 2021, p. 15). “A nomeação tem profundo significado no sistema de crenças da Antiga Mesopotâmia. O nome revela a essência de quem o carrega; ele também tem poder mágico” (LERNER, 2019, p.260). Considerando que a identidade da escola compõe a história de vida e o lugar no mundo das crianças, bem como acreditando no poder mágico que reside em identificar e compreender o direito a ter um nome e um sobrenome, importante à vida social, a criação do painel com o nome da escola se deu como mais uma criação curricular.

Bolsistas de iniciação científica, mantidos pelo projeto contemplado, assumiram oficinas de apoio pedagógico às dificuldades de aprendizagem e oficinas de inglês, por solicitação de estudantes na assembleia. As assembleias de estudantes são iniciativas que advêm do desejo das professoras de uma participação maior de estudantes nos processos decisórios. São momentos de aprendizagens importantes: falar, ouvir e decidir. Foi em uma assembleia que veio um pedido que muito impressionou: uma estudante pediu morangos para a experimentação saudável. E todas as crianças na assembleia aplaudiram o pedido, que foi atendido. Olhinhos brilharam e as falas refletiram um pouco daquela experiência tão corriqueira para muitas pessoas e tão extraordinária para algumas daquelas crianças. “É azedinho”, disse uma. “Achei tão gostoso que comi até o verdinho”, disse outra. As palavras transcritas aqui, no entanto, não dão conta de capturar a emoção e alegria das crianças no dia da experimentação.

São tantos os movimentos que trazem outros modos de aprender linguagem oral e escrita, matemática, ciências naturais, história e geografia, que, muitas vezes, as crianças não percebem que estão em “aula”. Daí surgiu a insistência das professoras em chamar de aulas-passeios as atividades externas aos muros da escola. Com recursos, as atividades puderam alcançar maiores distâncias. E lá foi uma turma andar no Bondinho, visitar o Pão de Açúcar e conhecer a Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro. Agora, são as outras turmas que estão na fila para as próximas aulas-passeio que as crianças insistem em chamar de viagens e a fala de uma criança confirma: “Quero viajar para o pão doce”.

Destaco a utilização do território como espaço de aprendizagem, pois conversas sobre o lugar em que vivem e outros lugares são fundamentais para que as crianças se entendam e entendam suas próprias histórias, ajudando-as a construir sua identidade. Unindo sustentabilidade e bem-estar para as pessoas e para o planeta, a escola vem inventando práticas curriculares em uma educação territorializante. As ações pedagógicas têm sido

integradoras, multidisciplinares, interdisciplinares, polidisciplinares e transdisciplinares, em um exercício constante de evitar a fragmentação do conhecimento nas invenções cotidianas, em que o que mais importa são os processos de aprendizagens habitados por saberes/poderes/quereres dos seus politicopraticantes (OLIVEIRA, 2012).

Considerando esses processos na formação integral da criança, percebi a escola atenta às múltiplas dimensões – física, intelectual, social, afetiva e simbólica – do desenvolvimento da pessoa. Nessa escola, a luta é instituinte e territorializante. Ancora-se mais no território e menos nos documentos oficiais, compreendendo a cultura local como elemento que sustenta a escola e as relações, em um exercício permanente de formação docente e reconfiguração de práticas. As narrativas das (com)vivências educativas foram trazidas, assim, no sentido de capturar múltiplas ações pedagógicas inventadas por professoras, estudantes e suas famílias, democratizar as criações curriculares e amplificar as oportunidades em criar currículo, formação e pesquisa com o cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008.
- BRASIL. Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm Acesso em: 31 mar 2023.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 31 mar 2023.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad.: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- DANIEL, Sharon. **The Public Secret: Information and Social Knowledge**, 2007. Disponível em http://artsites.ucsc.edu/faculty/sdaniel/bordertech/publications/PublicSecrets_documenta.pdf. Acesso em: 31 mar 2023.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- FERNANDES, Natália, CAPUTO, Stela Guedes. Quem tem medo das imagens das crianças na pesquisa? – Contributos para a utilização de imagens na pesquisa com crianças. **Sociedade e Infancias**, 5(Especial), 5-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/soci.71598> Acesso em: 31 mar 2023.
- LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii;

Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. O que aconteceu na sala de aula? Políticas, currículos e escritas nos cotidianos da formação de professores numa universidade pública. **Revista Teias**, [S.l.], v. 18, n. 51, p. 134-148, nov. 2017. ISSN 1982-0305. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30506/22825> Acesso em: 31 mar 2023.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. O ineditismo dos estudos nos dias com os cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública do município do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, ago. 2012.

[1]

Em dezembro de 2019, na China, foi descoberto um vírus conhecido como Coronavírus 2 (ou Novo Coronavírus), responsável pela síndrome respiratória grave (SARS -CoV-2). Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou emergência de saúde pública e, em 11 de março de 2020, declarou a pandemia da doença COVID-19, que devido ao alto contágio, espalhou-se pelo mundo.